

# A Cidade Branca de Tel Aviv: mais do que uma herança da Bauhaus

Giselle Hissa Safar

Maria Lúcia Machado

## **Prof. Dr. Giselle Hissa Safar**

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (1981), especialização em Metodologia do Ensino Superior, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e doutorado em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais. É professora da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais na qual leciona desde 1983 tendo já ocupado os cargos de Chefe de Departamento, Coordenadora do Curso de Design de Produto, Diretora da Unidade e Coordenadora de Extensão. Entre 2016 e 2018 foi pró-Reitora de Extensão da UEMG. Atualmente está como professora de História e Análise Crítica da Arte e do Design e membro da equipe do Centro de Extensão da Escola de Design-UEMG. Tem experiência na área do ensino de Design atuando principalmente nos seguintes temas: design, história do design, história da joia, história do mobiliário, design e gênero.

## **Prof. Maria Lúcia Machado de Oliveira, MSc.**

Mestre em Design e Cultura Visual pelo IADE - Escola Superior de Artes Visuais, Design e Marketing - Lisboa, Portugal (2009), titulação validade nacionalmente junto à Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Especialista em Design de Interiores pelo Centro Universitário Izabela Hendrix (2005). Graduada em Design de Ambientes (Decoração) pela Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (1979). É professora do curso de Design de Interiores no Centro Universitário Izabela Hendrix (CEUNIH), professora do curso de Design de Ambientes da Escola de Design - UEMG e professora visitante na Pós-graduação em Design de Móveis da Escola de Design - UEMG. Autora do livro *Interiores no Brasil: a influência portuguesa no espaço doméstico*, agraciado com o 1º lugar no 25º Prêmio do Museu da Casa Brasileira - São Paulo, na categoria trabalhos escritos publicados, em 2011. Tem grande interesse tanto pela prática projetual como pelos aspectos teóricos do design. Atualmente se dedica aos estudos relacionados à história dos espaços interiores, mobiliário e artes decorativas.

**RESUMO [PT]:** Em 2003 a UNESCO reconheceu a Cidade Branca de Tel Aviv como Patrimônio Mundial em virtude de que suas cerca de 4000 edificações, realizadas entre 1930 e 1950, representam uma síntese do Movimento Moderno na arquitetura e no urbanismo. Ainda que essa arquitetura seja atribuída à influência da Bauhaus, não é somente à escola alemã que a Cidade Branca pode ser vinculada, mas às diversas experimentações modernistas que constituem a base do International Style. Mais do que semelhanças estilísticas, os edifícios da Tel Aviv expressam, em sua bem sucedida adaptação às realidades locais, as expectativas de que a arquitetura moderna simbolizasse o movimento sionista e a construção de uma sociedade de base socialista. *Palavras-chave:* arquitetura; Cidade Branca; Tel Aviv; Bauhaus; International Style.

**ABSTRACT [EN]:** In 2003 UNESCO recognized the White City of Tel Aviv as a World Heritage Site because its nearly 4000 buildings, built between 1930 and 1950, represent a synthesis of the Modern Movement in architecture and urbanism. Although this architecture is attributed to the influence of the Bauhaus, it is not only the German school that the White City can be linked to, but the various modernist experiments that form the basis of International Style. More than stylistic similarities, Tel Aviv's buildings express in their successful adaptation to local realities the expectation that modern architecture would symbolize the Zionist movement and the building of a socialist grassroots society. *Keywords:* architecture; White City; Tel Aviv; Bauhaus; International Style.

**RESUMEN [ES]:** En 2003, la UNESCO reconoció a la Ciudad Blanca de Tel Aviv como Patrimonio de la Humanidad porque sus casi 4000 edificios, construidos entre 1930 y 1950, representan una síntesis del Movimiento Moderno en arquitectura y urbanismo. Aunque esta arquitectura se atribuye a la influencia de la Bauhaus, no solo se puede vincular a la Ciudad Blanca con la escuela alemana, sino a los diversos experimentos modernistas que forman la base del Estilo Internacional. Más que similitudes estilísticas, los edificios de Tel Aviv expresan en su adaptación exitosa a las realidades locales la expectativa de que la arquitectura moderna simbolizaría el movimiento sionista y la construcción de una sociedad socialista de base. *Palabras llave:* arquitectura; Ciudad Blanca; Tel Aviv; Bauhaus; International Style.

A Escola Bauhaus (1919-1933) é frequentemente lembrada pelas suas contribuições ao ensino do design, por suas ideias de união entre arte e técnica, inovações pedagógicas, pensamento e comportamento libertários de muitos de seus alunos e professores, pela linguagem estética de seus produtos, entre tantas outras realizações. Sua importância e sua contribuição aos campos do design e da arquitetura são indiscutíveis, mesmo se considerarmos a existência de alguns exageros resultantes do processo de mitificação da qual foi alvo, uma vez que, tendo sobrevivido durante quatorze anos em meio em um contexto crescentemente hostil, representou, para muitos, um símbolo de resistência ao nazismo.

De fato, a história da Bauhaus ajudou muito o esforço mais amplo da Alemanha Ocidental de reescrever o modernismo de Weimar como a verdadeira herança cultural da República Federal. A reabilitação pós-guerra teve tanto a ver com sua vitimização pelos nazistas quanto com sua reputação como uma meca da cultura de vanguarda. O fato de a Bauhaus ser constantemente atacada pela imprensa nazista como o sintoma supremo de “degeneração cultural”, ter sido dramaticamente fechada algumas semanas após Hitler tomar o poder, e depois ser ridicularizada na famosa exposição Arte Degenerada de Munique em 1937, fez muito para garantir sua posição pós-1945 como um símbolo de paz, progresso, antifascismo e democracia entre as zonas ocupacionais<sup>1</sup> (BETTS, 2004, p. 12).

1. Indeed, the Bauhaus story greatly assisted the wider West Germany effort to rewrite Weimar Modernism as the Federal Republic's true cultural heritage. Its post war rehabilitation thus had as much to do with its victimization by the Nazis as its reputation as a mecca of avant-garde culture. That the Bauhaus was constantly attacked by the Nazi press as the supreme symptom of 'cultural degeneration', was dramatically closed a few weeks after Hitler seized power, and was then savagely ridiculed in the infamous 1937 Degenerate Art exposition in Munich, did much to assure its post-1945 standing as a symbol of peace, progress, antifascism, and democracy across de occupational zones (original em inglês).

A comemoração do centenário de fundação da Escola Bauhaus tem dado oportunidade à retomada de conteúdos que lhe dizem respeito, alguns dos quais pouco conhecidos ou disseminados mesmo pela comunidade acadêmica. No entanto, sua permanência se deu por meio da herança que legou às gerações seguintes, seja por criar uma base metodológica para o ensino do design no século XX, seja no trabalho individual de importantes artistas, designers e arquitetos que se espalharam pelo mundo.

O presente artigo trata, justamente, de uma dessas “heranças”: a Cidade Branca de Tel Aviv, em Israel, cuja arquitetura foi fortemente influenciada pelo Movimento Moderno a ponto do Comitê de Patrimônio Mundial da UNESCO reconhecer a cidade como um dos 12 sítios patrimoniais resultantes da diáspora a que foram submetidos profissionais e intelectuais judeus, durante a ascensão e o período de vigência do III Reich e da Segunda Guerra Mundial.

Fala-se de um “estilo bauhaus” como se o componente estético das criações da escola se sobrepusesse ao conceito de integração entre arte e tecnologia e aos propósitos sociais de sua criação, mas não é verdade. O chamado “estilo bauhaus” nada mais é do que o resultado da busca por soluções que pudessem ser socialmente acessíveis e que se traduziram por meio de formas simples, despojadas de ornamentação desnecessária, fáceis de serem produzidas ou construídas e que permitissem o desenvolvimento adequado e confortável das funções demandadas.

As transformações dessa linguagem, cuja base é um ideário socialista, em um estilo refinado, de elite, com preços exorbitantes, constitui uma história à parte de como o mercado, principalmente americano, absorveu o estilo, mas não o conceito social que expressava.

Os esforços nazistas para obliterarem por completo a inovadora escola artística alemã não foram bem-sucedidos — o encerramento forçado e abrupto da instituição não aniquilou a ideia nem o sonho que lhe haviam dado forma. A emigração sucessiva dos seus líderes e de muitos dos seus alunos assegurou assim a persistência e a propagação

dos valores desta escola um pouco por todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos, onde, em 1937, a “Nova Bauhaus” se estabeleceu na cidade de Chicago. Contudo, afastados dos ideais sociais que haviam inspirado a emergência da Bauhaus em Weimar e atirados para um ambiente cultural completamente diferente, onde a escola se encontrava desmembrada das suas origens e coesão iniciais, muitos dos que continuaram associados a ela não conseguiam produzir mais do que alguns edifícios inexpressivos e desumanizados, reduzindo a natureza complexa e multifacetada da escola a uma fórmula um pouco simplista (BARATA, 2008, p. 51).

Quando se trata de arquitetura, falar em Bauhaus remete imediatamente à imponência moderna do bloco de oficinas de Dessau, no qual a percepção da elegância estética das grandes superfícies envidraçadas se sobrepõe à compreensão de que essas se justificavam por prover luz e aquecimento com mais facilidade e economia, num contexto econômico recessivo. No entanto, a contribuição da escola à arquitetura está mais ligada às ideias de Hannes Meyer (1889-1954), o quase sempre esquecido diretor da Bauhaus do que às concepções estéticas de Gropius (1883-1969) ou Mies van der Rohe (1886-1969).

Hannes Meyer foi o verdadeiro responsável pelo ensino sistemático de arquitetura na Bauhaus. Obstáculos burocráticos somente permitiram a Gropius criar o Departamento de Arquitetura em 1927, para o qual Meyer foi admitido como gestor. As realizações arquitetônicas atribuídas à escola antes de 1927, se limitaram aos projetos desenvolvidos pelo estúdio de Gropius com eventuais participações de outros professores ou de estudantes (DROSTE, 2006).

Durante a sua direção, Hannes Meyer colocou a Bauhaus numa posição contemporânea: critérios sociais e científicos foram tratados como componentes com a mesma importância no processo de elaboração dos projetos. Meyer estava, assim, não só a responder à grave miséria e pobreza em que largas camadas da população viviam, como

procurava ao mesmo tempo sistematizar os conhecimentos científicos e sociais disponíveis integrando-os em todos os ateliers. [...]A reorganização quase completa da escola por Hannes Meyer refletia o desejo do novo diretor de redirecionar as intenções sociais e políticas que herdara de Gropius (DROSTE, 2006, p. 196).

A arquitetura bauhausiana, portanto, não tem um discurso predominantemente estético, mas sim, funcional e social. Também não foi a única a pensar nesses aspectos. Em boa parte da Europa, particularmente na Alemanha, jovens arquitetos buscavam resolver os problemas de uma sociedade urbana afetada pela industrialização e pela guerra. Nem a linguagem arquitetônica simplificada e funcional, nem as intenções sociais da arquitetura foram exclusividade da Escola Bauhaus. Como explica Margolin (2017), soluções inovadoras para os problemas do período entre as guerras mundiais foram buscadas em vários pontos da Alemanha:

O conflito entre modernidade e tradição não era mais evidente na Alemanha de Weimar do que nos ambiciosos programas de construção que foram instituídos em muitas cidades após o Plano Dawes em 1924<sup>2</sup>. Embora os estilos arquitetônicos variassem de cidade para outra, várias cidades, principalmente Berlim, Frankfurt e Stuttgart tornaram-se vitrines de um estilo moderno conhecido como Neues Bauen (Novo Edifício), baseado em um design eficiente e racional (MARGOLIN, 2017, v.2, p. 55)<sup>3</sup>.

2. O Plano Dawes foi um plano de 1924, que terminou uma crise na diplomacia europeia após a Primeira Guerra Mundial e o Tratado de Versalhes. A ocupação da área industrial do Ruhr, pela França e pela Bélgica, contribuiu para a crise de hiperinflação na Alemanha, em parte por causa de seu efeito incapacitante na economia alemã. O plano previu o fim da ocupação aliada e o pagamento escalonado de reparações de guerra pela Alemanha. Dawes compartilhou o Prêmio Nobel da Paz, em 1925, por seu trabalho.

3. The conflict between modernity and tradition was nowhere more evident in Weimar Germany than in the ambitious building programs that were instituted in many cities following the Daves Plan in 1924. Although the architectural styles varied from city to another, several cities, notably Berlin, Frankfurt, and Stuttgart became showcases for a modern style known as the Neues Bauen (New Building) that was based on rational efficient design (original em inglês).

4. There was a great affinity between the modern movement and the local needs of the Jewish settlement in Palestine, whose main purpose was to supply the physical structure of the Jewish homeland as soon as possible, vis-à-vis accelerating waves of immigrations. Modern Architecture called for simplicity and minimalism in materials, thus making it possible to provide cheap and quick housing solutions for a new society. Modernism soon became the local norm, and in effect determined the shape of the new city created overnight along the coast (original em inglês).

5. Tanto os Israelenses quanto os palestinos reivindicam a cidade como sua capital, mas nenhuma das reivindicações, no entanto, é amplamente reconhecida pela comunidade internacional. Israel mantém suas principais instituições governamentais em Jerusalém, enquanto o Estado da Palestina, em última instância, apenas a prevê como a sua futura sede política. (Nota das autoras)

6. Cidade ou localidade situada no subúrbio de uma grande cidade, que tem poucas atividades econômicas e industriais, servindo sobretudo como local de residência de pessoas que trabalham noutros locais. (<https://dicionario.priberam.org/cidade-dormit%C3%B3rio>)

7. Após a derrota da Alemanha e da Turquia otomana na Primeira Guerra Mundial, suas possessões asiáticas e africanas foram distribuídas entre as potências aliadas vitoriosas sob a autoridade do artigo 22 do Pacto da Liga das Nações. O Iraque e a Palestina (incluindo a Jordânia moderna e Israel) foram designados para a Grã-Bretanha. A administração civil britânica na Palestina, conhecido como Mandato Britânico, operou de 1920 a 1948. (<https://www.britannica.com/topic/mandate-League-of-Nations>)

Essa afirmação é importante para se entender a Cidade Branca de Tel Aviv no contexto das linguagens arquitetônicas que, então, eram experimentadas. Dada a significação histórica da Bauhaus, é compreensível que sejam reforçadas e até mesmo forçadas, as ligações entre as construções da cidade às da renomada escola alemã. No entanto, o que esse artigo prefere ressaltar é sua relação com uma arquitetura moderna que vinha sendo experimentada em várias frentes, particularmente na Alemanha e cujos princípios sociais norteadores se coadunavam às demandas da emergente cidade de Tel Aviv.

Havia uma grande afinidade entre o movimento moderno e as necessidades locais do assentamento judaico na Palestina, cujo principal objetivo era suprir a estrutura física da pátria judaica o mais rápido possível, diante das ondas aceleradas de imigração.

A Arquitetura Moderna pedia simplicidade e minimalismo nos materiais, possibilitando assim a criação de soluções habitacionais baratas e rápidas para uma nova sociedade. O modernismo logo se tornou a norma local e, com efeito, determinou a forma da nova cidade criada da noite para o dia ao longo da costa<sup>4</sup> (MUNICIPALITY OF TEL AVIV-YAFO, 2002, p. 252).

## Tel Aviv

Tel Aviv-Yafo, ou simplesmente Tel Aviv, é a principal cidade do Estado de Israel, seu centro econômico, tecnológico e financeiro, embora a capital seja Jerusalém<sup>5</sup>. A cidade foi fundada em 1909, por uma comunidade judaica com o nome de *Ahuzat Bayit*, nos arredores da cidade portuária de Jaffa (Yafo) para ser apenas uma cidade-dormitório<sup>6</sup>. Durante a era do domínio britânico na Palestina (1917-1948)<sup>7</sup>, o aumento de tensão entre as comunidades árabe e judaica levou à sua transformação em distrito comercial (1921), agora denominado Tel Aviv, tornando-se um próspero centro urbano. Logo após Israel declarar sua independência em 1948, o governo unificou as cidades de Tel Aviv e Jaffa, em 1949-50, sob o nome de Tel Aviv-Yafo.

Durante a primeira metade do século XX, ocorreram intensos fluxos de imigração judaica, provenientes da Europa e direcionados à Palestina, particularmente durante a década de 1930, à medida que as posições antissemitas se consolidavam, provocando demanda por um aumento nas construções urbanas e nos assentamentos destinados a garantir a posse de novos territórios.

Desde o início, a cidade foi pensada como um local que deveria ser mais condizente com uma nova era oferecendo confortos modernos aos seus habitantes como ruas calçadas, luz elétrica, água corrente e saneamento (SHAVIT, 2012). Ainda sob o sob o domínio britânico, entre 1925 e 1927, a cidade teve seu plano diretor elaborado por Sir Patrick Geddes (1854-1932)<sup>8</sup>, plano este que, implementado em sua área central, tornou Tel Aviv um exemplo notável, em larga escala, das ideias inovadoras de planejamento urbano da primeira metade do século XX (UNESCO, 2003).

A cidade de Tel Aviv, embora jovem, apresenta um rico mosaico de estilos que foram interpretados por arquitetos, tanto estrangeiros quanto nativos, com a intenção de adaptá-los à cultura local e às condições climáticas.

Nos anos 1920, foram construídos muitos edifícios ecléticos, caracterizados por fachadas ornamentadas, domos, arcos e varandas, numa linguagem arquitetônica que fundia estilos ocidentais e orientais, como pode ser exemplificada pela Casa Pagode (FIG. 1). Construída em 1925, a edificação de três



8. Sir Patrick Geddes (1854-1932) foi um biólogo e botânico escocês, reconhecido mundialmente como um dos pioneiros no planejamento de cidades, tendo realizado vários projetos para o Oriente Médio. Para Geddes, os comportamentos e estruturas sociais eram relacionados à forma espacial e ao meio-ambiente, portanto, para melhorar os primeiros, estes deveriam ser alterados. (<https://www.undiscoveredscotland.co.uk/usbiography/g/patrickgeddes.html>)

andares, tem a forma inspirada em um pagode chinês tradicional combinado com arcos islâmicos e colunas gregas.



Figura 1: A Casa Pagode, Alexander Levy, 1925

Fonte: [https://images.adsttc.com/media/images/521c/bb39/e8e4/4e71/4700/0070/large\\_jpg/Pagoda\\_house.jpg?1377614630](https://images.adsttc.com/media/images/521c/bb39/e8e4/4e71/4700/0070/large_jpg/Pagoda_house.jpg?1377614630)

Nas edificações construídas entre 1930 e até meados dos anos 1950, em geral projetadas por arquitetos europeus de origem judaica, predomina o *International Style*, uma arquitetura funcional e econômica, de geometria simples e sem ornamentações que atendia à demanda por construções rápidas e de custo baixo, resultante do vertiginoso crescimento da cidade (FIG. 2). Além disso, as construções simples e funcionais se adequavam aos ideais da sociedade socialista que se pretendia naquele momento.



Figura 2: O contraste entre a arquitetura moderna de 1930 (à esquerda) e a eclética de 1920 (à direita).

Fonte: <https://www.revistahabitare.com.br/turismo/tel-aviv-a-metropole-do-mediterraneo-que-nunca-dorme/>

Na década de 1960, Tel Aviv assistiu à emergência do estilo brutalista, desenvolvido por uma nova geração de arquitetos, nascidos e educados em Israel, que preferiram utilizar o concreto à vista, bruto, sem refinamento



Figura 3: Hotel Carlton, Yaakov Rechter, concluído em 1981. Fonte: <https://www.archdaily.com/922038/grey-vs-white-5-brutalist-buildings-in-tel-aviv/5d40468a284dd1f20f0000f0-grey-vs-white-5-brutalist-buildings-in-tel-aviv-image>



Figura 4: Torres Azrieli, Moore Yaski Sivan Arquitetos, 1999. Fonte: [https://images.adsttc.com/media/images/521b/fb97/e8e4/4e71/4700/004e/large\\_jpg/1318427434-img-2914.jpg?1377565583](https://images.adsttc.com/media/images/521b/fb97/e8e4/4e71/4700/004e/large_jpg/1318427434-img-2914.jpg?1377565583)

ou ornamentação. Derivado do Modernismo, o Brutalismo expressava, por meio de edificações musculosas, imponentes e compactas, ideias de força, permanência e soberania, tão caras às sociedades que se reconstruíam ou procuravam afirmar-se, após a Segunda Guerra Mundial (FIG. 3).

A partir dos anos 1990, linguagens arquitetônicas internacionais contemporâneas passam a conviver com as da primeira metade do século XX, tornando Tel Aviv um cenário incomum, no qual arranha-céus envidraçados e condomínios de luxo, convivem com construções ecléticas e do *International Style* (FIG. 4).

## A Cidade Branca

A Cidade Branca de Tel Aviv se refere a um conjunto de cerca de 4000 edificações, em estilo modernista, resultantes do período de grande crescimento populacional e urbano da cidade, no período entre as duas guerras mundiais (ZISLING, 2001; HECHT, 2008).

Em 2003, o World Heritage Committee da UNESCO, em sua 27ª reunião, inscreveu a Cidade Branca de Tel-Aviv na Lista do Patrimônio Mundial, por considerá-la “uma síntese de significado notável das várias tendências do Movimento Moderno na arquitetura e urbanismo no início do século XX” (UNESCO, 2003, p.111), somado ao reconhecimento de que as influências europeias do Movimento Moderno “foram adaptadas às condições culturais e climáticas do local, além de estarem integradas às tradições locais” (UNESCO, 2003, p.111).

São aproximadamente 140 hectares, divididos em três zonas (FIG. 5) envolvidas por uma área de amortecimento<sup>9</sup> de 197 ha, para os quais o Comitê propôs que fossem criados limites de altura e que o poder público se mobilizasse para integrar planos de manejo e conservação, o que ainda hoje exige muito esforço e articulação, uma vez que a principal responsabilidade pela proteção das áreas urbanas históricas cabe às autoridades municipais e cerca de 90% dos edifícios, na área designada, são de propriedade privada (UNESCO, 2014).

9. Zona de Amortecimento (ZA, também chamada de “Zona Tampão”) é uma área estabelecida ao redor de uma unidade de conservação com o objetivo de filtrar os impactos negativos das atividades que ocorrem fora dela, como: ruídos, poluição, espécies invasoras e avanço da ocupação humana, especialmente nas unidades próximas a áreas intensamente ocupadas. (<https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28754-o-que-e-uma-zona-de-amortecimento/>).



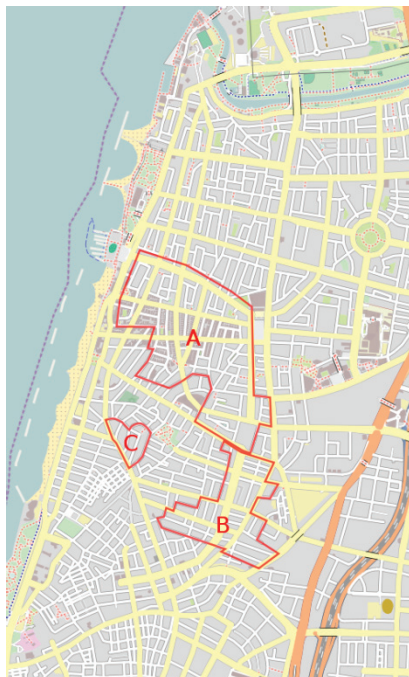


Figura 5: Mapa de Tel-Aviv com indicação das áreas inscritas como Patrimônio Mundial pela UNESCO Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tel\\_Aviv\\_White\\_City\\_WHS.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tel_Aviv_White_City_WHS.svg)

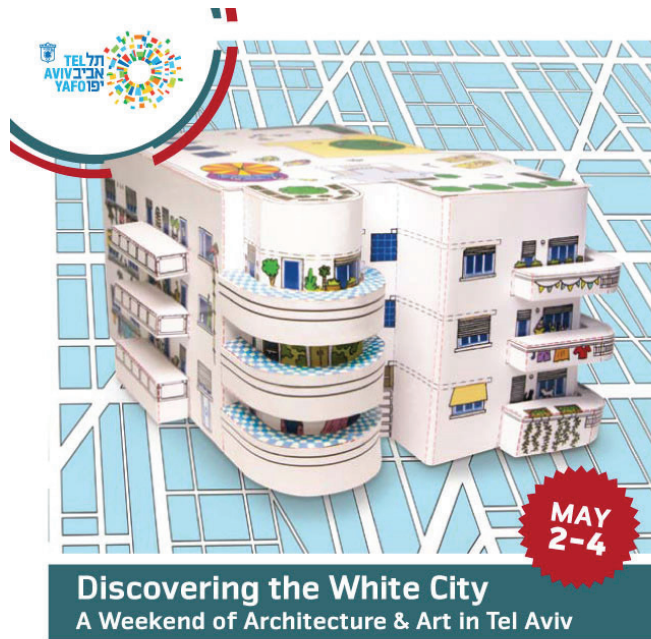


Figura 6: Peça promocional de divulgação do festival Salute to the White City, 2013 Fonte: <https://www.archdaily.com/364906/salute-to-the-white-city-festival>

A atitude da municipalidade, em relação à Cidade Branca, tem mudado significativamente, desde sua inscrição como patrimônio mundial. Em 2013, por exemplo, por ocasião do aniversário de dez anos do reconhecimento pela UNESCO, a municipalidade organizou o festival “Salute to the White City” (FIG. 6) com eventos, exposições e tours por parte dos edifícios arquitetônicos. Em 2015, o governo alemão, a partir de articulações com as autoridades israelenses, assumiu o compromisso de ajudar no processo de restauração da Cidade Branca, garantindo o repasse de US \$ 2,8 milhões por um período de dez anos (MEIR, 2015).

Estimulados pelo interesse crescente na área, alguns proprietários têm tomado a iniciativa de reformar suas propriedades, que rapidamente são valorizadas no mercado imobiliário.

Figura 7: Exemplo de edificação da Cidade Branca na época de sua criação e atualmente, após restauração.



Casa Avraham Soskin, 12 Lilienblum Street, Arquiteto Zee Rechter, 1933. Reforma e extensões Nitza Szmuk Architects, 2006. Fonte, GROSS, 2005, p. 133 e 127

Uma das estratégias, em parte das edificações, é a cessão para que empresas privadas construam novos andares, sob a condição de fazer a restauração total das construções existentes.

É o caso da Casa Reisfeld (FIG. 7), projetada pelo arquiteto Pinchas Bijonsky (1885-1992) e construída em 1935, de acordo com o *International Style*. O edifício é composto por três alas: duas laterais e uma na parte traseira, criando um pátio interno. O trabalho de recuperação do edifício foi realizado em parceria com a Bar Orian Architects e, em contrapartida, dois andares foram escavados no subsolo e cinco foram adicionados na parte traseira do edifício (MUNICIPALITY OF TEL AVIV-YAFO, 2002).

Embora questionáveis, essas revitalizações são bem mais apuradas do que a restauração mais comum e menos onerosa, na qual o edifício recebe apenas uma nova pintura e reparos menores. Em geral, a estrutura é reforçada, as instalações elétricas e hidráulicas são trocadas e as alterações nos elementos originais são retiradas (GEVA, 2008).



Figura 8: Casa Reisfeld, 1935. Rua Ha-Yarkon, 96, Tel Aviv

Fonte: GROSS, 2005, p. 47

Como parte dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelas autoridades municipais de Tel Aviv em parceria com o governo alemão, foi criado o *White City Center* (WCC) com a missão de coordenar o processo de restauração e preservação do patrimônio, reconhecido pela UNESCO. O *White City Center* (<https://www.whitecitycenter.org/>) é responsável pela realização de pesquisas sobre o espaço urbano, pela oferta de passeios guiados para conhecer a arquitetura moderna da cidade, além de programas educativos, nos quais as crianças são levadas a explorar e estudar o ambiente em que vivem. O Centro funciona na Liebling Haus (casa Liebling), na rua 29 Idelson, um de uma série de edifícios históricos erguidos ao redor da Praça Bialik, na área que já foi o coração pulsante de Tel Aviv. Construído por Tony e Max Liebling, em 1936, foi projetado pelo arquiteto Dov Karmi e pelo engenheiro Tzvi Barak, com características próprias do *International Style* (FIG. 8).





Figura 9: Casa Liebling, 1936, sede do White City Center, Tel Aviv

Fonte: [https://www.flickr.com/photos/tel\\_aviv/48780382892/in/album-72157699743939165/](https://www.flickr.com/photos/tel_aviv/48780382892/in/album-72157699743939165/)

## Bauhaus ou International Style?

É compreensível que os prospectos turísticos e reportagens sobre o local, principalmente nesse ano de centenário da Escola Bauhaus, busquem reforçar o alinhamento da arquitetura, dessa área de Tel Aviv, ao estilo da famosa escola alemã. No entanto, a própria justificativa, elaborada pelo World Heritage Committee da UNESCO para a concessão do *status* de patrimônio mundial, indica que a arquitetura da Cidade Branca de Tel Aviv não pode ser atribuída exclusivamente ao estilo da Bauhaus e nem mesmo ser exclusividade de profissionais egressos da escola.

Os edifícios foram projetados por um grande número de arquitetos, treinados e praticados em vários países europeus. Em seu trabalho em Tel Aviv, eles representaram a pluralidade das tendências criativas do modernismo, mas também levaram em conta a qualidade cultural local do site. Nenhuma das realizações europeias ou norte-africanas exibe uma síntese dessa imagem modernista nem na mesma escala. Os edifícios de Tel Aviv são ainda mais enriquecidos pelas tradições locais; o projeto foi adaptado às condições climáticas específicas do local, dando um caráter particular aos edifícios e ao conjunto como um todo (UNESCO, 2014, p. 1)<sup>10</sup>.

10. The buildings were designed by a large number of architects, who had been trained and had practiced in various European countries. In their work in Tel Aviv, they represented the plurality of the creative trends of modernism, but they also took into account the local, cultural quality of the site. None of the European or North-Africa realizations exhibit such a synthesis of the modernistic picture nor are they at the same scale. The buildings of Tel Aviv are further enriched by local traditions; the design was adapted to the specific climatic conditions of the site, giving a particular character to the buildings and to the ensemble as a whole (original em inglês)

A “Cidade Branca” de Tel Aviv tem conexões, é verdade, com a Escola Bauhaus possuindo, inclusive, um museu para exibir móveis e objetos relacionados à escola. O museu está vinculado à Bauhaus Foundation, criada em 2008, como um centro privado de exposições e pesquisa, sem fins lucrativos, dedicado à conservação, estudo e exibição da arquitetura, design e arte da Bauhaus e localizado, apropriadamente, em um edifício de estilo internacional, na 21 Bialik Street, de propriedade do filantropo e colecionador de arte Ron Lauder (FIG. 9).

No entanto, mais do que exemplo da herança arquitetônica bauhausiana, a importância da Cidade Branca de Tel Aviv reside no fato de haver sido o laboratório para as experimentações bem-sucedidas da aplicação dos princípios da arquitetura moderna às demandas de uma cidade emergente e em crescimento. Uma arquitetura moderna que, coerente ao seu ideário social, foi capaz de se adaptar à realidade econômica, física e climática de uma cidade mediterrânea em uma nação que apenas se rascunhava politicamente.

11. Charles-Edouard Jeanneret (1887-1965), nasceu na Suíça e em 1917 imigrou para a França, tornou-se cidadão naturalizado e adotou o pseudônimo de Le Corbusier. Arquiteto, artista e autor, trabalhou nos escritórios de arquitetura de Josef Hoffman, Viena, Áustria, 1907, Auguste Perret, Paris, França e (com Walter Gropius e Ludwig Mies van der Rohe) Peter Behrens, Berlim, Alemanha, 1910; trabalhou como pintor e litógrafo desde 1912; como arquiteto em Paris, 1917-65, em parceria com o primo Pierre Jeanneret, 1922-40, e em colaboração com Charlotte Perriand, 1927-29. Foi co-fundador e editor, com Amedee Ozenfant e Paul Dermée, do periódico de L'Esprit Nouveau, Paris, 1919-25; fundador, do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), 1928 e realizou palestras extensivamente na Europa e nos Estados Unidos entre 1921-56 (<https://www.encyclopedia.com/people/literature-and-arts/architecture-biographies/le-corbusier>)

12. O arquiteto alemão Erich Mendelsohn (1887-1953) foi um dos pioneiros da arquitetura moderna. Começando com uma abordagem escultural e emocional, mais tarde ele se aliou ao estilo internacional [...] O surgimento do nazismo na Alemanha e sua perseguição religiosa obrigou Mendelsohn a fugir em março de 1933. Em Londres, ele fez uma parceria com Serge Chermayeff e dividiu sua prática entre a Inglaterra e a Palestina [...] Mendelsohn emigrou para os Estados Unidos em 1941, mas não praticou até depois da guerra. Em 1945, ele se estabeleceu em San Francisco e até sua morte em 1953, empreendeu vários projetos, principalmente para comunidades judaicas. (<https://www.encyclopedia.com/people/literature-and-arts/architecture-biographies/erich-mendelsohn>)

O mais correto é afirmar que as principais influências sobre a arquitetura de Tel Aviv, entre os anos 1930 e 1950 vieram de diferentes fontes: da Escola Bauhaus, por meio de alguns de seus estudantes, dos princípios arquitetônicos defendidos por Le Corbusier<sup>11</sup> e do estilo de Erich Mendelsohn<sup>12</sup>, arquiteto que atuou em Haifa e Jerusalém, no período de 1934 a 1941. A linguagem desenvolvida por todos se insere na arquitetura moderna do Estilo Internacional, ou como é mais conhecida mundialmente, a arquitetura do Movimento Moderno, *International Style* (INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTAL AND SITES — ICOMOS, 2003).

O termo foi cunhado em 1932, a partir de uma exposição realizada no Museu de Arte Moderna de New York — MOMA, intitulada *Modern Architecture - International Exhibition* — com curadoria de dois jovens, um historiador de arte e arquitetura, Henry-Russell Hitchcock (1903-1987) e um arquiteto, Philip Johnson (1906-2005) e que, posteriormente, lançaram o livro *The International Style: architecture since 1922*. A exposição revelava, aos americanos, a linguagem arquitetônica que vinha sendo desenvolvida na Europa, principalmente após a Primeira Guerra Mundial e, embora a exposição evidenciasse mais as questões formais do estilo, desde o início, o *International Style* esteve associado a movimentos políticos, especialmente a causas e regimes socialistas e comunistas. Seus protagonistas defendiam a ideia de que a arquitetura deveria ser transformadora para servir a sociedade e promover o bem-estar das classes trabalhadoras. Com o tempo, os objetivos sociais dessa linguagem passaram a um plano secundário e o termo passou a ser mundialmente associado a uma arquitetura sem ornamentos, na qual os componentes eram reduzidos aos elementos estruturais mais básicos, com materiais industriais produzidos em massa, como concreto, aço e vidro (TIETZ, 2008).

Na Alemanha, a arquitetura bauhausiana, assim como a arquitetura proposta ou realizada por toda uma geração que buscou resolver a crise habitacional do país, faz parte do *International Style*, ainda que outros termos sejam empregados como: racionalismo alemão, funcionalismo e Nova Objetividade (*Neue Sachlichkeit*).

No que diz respeito à Cidade Branca de Tel Aviv, o interesse pela arquitetura alemã, desse período, se justifica pelo fato da cidade ter recebido um grande número de arquitetos judeus alemães, quando a onda antisemita recrudesceu, no país. De fato, a partir de década de 1920 e especialmente depois das leis de Nuremberg<sup>13</sup>, muitos judeus alemães emigraram para outros países, entre eles arquitetos que, depois de 1933, foram proibidos de exercer sua profissão.



Figura 10: Sede e interior da Bauhaus Foundation em Tel Aviv

Fonte: <https://www.bauhaus.org.il>

13. Duas leis distintas, aprovadas pela Alemanha nazista, em setembro de 1935, são conhecidas coletivamente como “Leis de Nuremberg”: (a) a Lei de Cidadania do Reich e (b) a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã. Estas leis incorporavam muitas das teorias raciais que embasavam a ideologia nazista. Elas constituíram a estrutura legal para a perseguição sistemática dos judeus na Alemanha. (<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nuremberg-laws>)

14. Todo o seu trabalho pode ser encontrado no livro *Deutsche jüdische Architekten vor und nach 1933 - Das Lexikon. 500 Biographien* (Arquitetos judeus alemães antes e depois de 1933 - o léxico. 500 biografias), publicado em 2005 pela Editora Reimer, mas somente em alemão (ISBN 3-496-01326-5).

15. A atual Escola de Artes e Design de Bezalel, em Jerusalém, tem suas origens na primeira instituição de ensino superior de Israel, criada em 1906, por Boris Schatz, fechada por questões financeiras em 1929 e reaberta em 1935, com muitos professores oriundos da Alemanha e influenciados pela Bauhaus. (<http://www.bezalel.ac.il/en/about/landmarks/>)

A arquiteta israelense Myra Warhaftig (1930-2008) desenvolveu, durante cerca de vinte anos, pesquisa em arquivos de vários países para resgatar a história dos arquitetos judeus, na Alemanha, no período da ascensão e consolidação do regime nazista. Alvos de perseguições sistemáticas, assim como todos os judeus da época, esses arquitetos foram obrigados a emigrar para outros países, morrendo em campos de concentração ou tendo um destino incerto, tornando-se desconhecidos para a história da arquitetura alemã. A pesquisa de Warhaftig conseguiu identificar 500 arquitetos judeus que viviam na Alemanha até 1933, a maioria deles descendentes de famílias estabelecidas há muito tempo no país<sup>14</sup>. Mais de 130 destes arquitetos escolheram deixar sua Alemanha natal e começar de novo na Palestina, onde abraçaram, com entusiasmo, a proposta de colaborar para a constituição de uma nova sociedade, trazendo a arquitetura moderna para os kibutzim, vilas e cidades com conjuntos habitacionais, hospitais, escolas, universidades, teatros e prédios administrativos (ZANDBERG, 2002).

Os refugiados judeus alemães, que chegaram à Palestina, tiveram dificuldades para se adaptar ao novo ambiente, em virtude da animosidade dos emigrados judeus da Europa Oriental que haviam criado raízes no território muito antes de 1933, a diferença de clima e os obstáculos da língua (uma vez que falar em alemão não era bem visto). No entanto, é inegável a sua contribuição para a construção do Estado de Israel, constituindo uma força de trabalho qualificado que atuou em diferentes campos, entre os quais a arquitetura (BACH, 2012).

Além dos quatro arquitetos que foram da Palestina para estudar na Bauhaus (Shlomo Bernstein, Munio Gitai-Weinraub, Shmuel Mestechkin e Arie Sharon), um número considerável de graduados arquitetos e artistas, influenciados pela escola alemã, chegaram (ou retornaram) à Palestina: Erich Mendelsohn, Richard Kaufmann, Genia Averbuch, Mordechai Ardon, Isaac Rapoport, entre outros (CHERNICK, 2018). Seria, no entanto, imprudente atribuir a arquitetura modernista de Tel Aviv exclusivamente aos ex-bauhausianos, uma vez que um número expressivo de arquitetos alemães, de origem judaica, emigrou para a Palestina e apenas poucos deles haviam passado pela Escola Bauhaus.

Também não é possível determinar, com exatidão, o número de ex-alunos da Bauhaus que emigraram para a Palestina. Na verdade, a convergência dos dados é difícil porque, nem sempre, os registros são claros. Além disso, muitas vezes, são considerados ex-alunos da Bauhaus aqueles que, mesmo não tendo completado o curso, frequentaram a escola durante tempo suficiente para incorporar algumas de suas ideias e práticas e levá-las a outros lugares. E muitas vezes tais ex-alunos eram arquitetos embora esse fato não diminua a influência que exerceram. Um exemplo é Mordechai Ardon (1896-1992), considerado um dos mais importantes pintores de Israel e que estudou na Escola Bauhaus, entre 1921 e 1925 (LEVITT, 1998). Ardon foi professor e diretor da Nova Escola de Artes e Ofícios de Bezalel<sup>15</sup>, entre 1940 e 1952 e contribuiu para a divulgação dos princípios pedagógicos experimentados na escola alemã, principalmente em se tratando de tipografia e artes gráficas.

Mas se nem todos eram ex-alunos da Bauhaus, todos certamente compartilhavam das ideias modernistas como pode ser verificado, tanto no trabalho que deixaram em sua terra natal (FIG. 11 a 14), quanto nos projetos que realizaram por toda a Palestina, especificamente em Tel Aviv.

A influência dos expatriados se estendeu até o início da década de 1950 e foi extraordinária. A falta de uma tradição arquitetônica local, ou uma comunidade coesiva de arquitetos, no país, ajudou nesse processo. Além disso, a



Palestina, na época, era um país relativamente subdesenvolvido, mas seu ambiente cultural era aberto e dinâmico. Em todos os campos do esforço criativo, música e dança, literatura e teatro, as artes plásticas e a arquitetura, houve tentativas para formular estilos únicos que refletissem o renascimento sionista (ASHKENAZY, 1998).

De modo diverso ao que se observou em países emergentes que adotaram o *International Style* sem questionar o modelo europeu, os arquitetos, em Israel, perceberam a necessidade de adaptar as edificações ao clima do Oriente Médio. O caráter sustentável do *International Style*, em Tel Aviv, reside na compatibilidade das edificações ao clima quente e úmido da região mediterrânea, por meio da adaptação local de alguns dos principais elementos de sua arquitetura.

Um dos elementos-chave nas edificações europeias era uma grande janela. No entanto, em um clima quente - grandes janelas que permitem que grandes quantidades de luz brilhem nos quartos - não faziam sentido. O vidro foi usado com moderação e janelas longas, estreitas e horizontais ou menores e recuadas são visíveis em muitos dos edifícios de Tel Aviv. Em alguns deles, também é possível ver varandas longas e estreitas que, associadas às janelas ou portas, dispostas de modo a permitir a ventilação cruzada, proporcionavam equilíbrio térmico com as constantes trocas de ar. Os telhados planos, além de sua coerência estética ao jogo de volumes proposto pela configuração arquitetônica e seu menor custo de execução, eram pavimentados e cumpriam a função social de possibilitar o uso coletivo pelos moradores (como para lavanderias). A construção do primeiro andar, sobre pilotis, proporcionava uma entrada sombreada, a circulação da brisa marítima e um clima mais



Figura 11: Casa unifamiliar, 1929, Breslavia, hoje Polônia, Moritz Hadda.  
Fonte: <http://www.bldgblog.com/2008/03/forgotten-architects/>



Figura 12: Casas com terraço, 1929-30. Berlim, Alfons Anker.  
Fonte: <http://www.bldgblog.com/2008/03/forgotten-architects/>



Figura 13: Residência Schulze, 1928-29, Berlim, Harry Rosenthal.  
Fonte: <http://www.bldgblog.com/2008/03/forgotten-architects/>



Figura 14: Estação de Polícia, 1930-31, Berlim. Richard Scheibner.  
Fonte: <http://www.bldgblog.com/2008/03/forgotten-architects/>

16. The Zionist dream, of building a new and better world for a new egalitarian society, was materialized in the first Hebrew city in a spontaneous way, not dictated by any authorities (original em inglês).

fresco na parte inferior do edifício. Da mesma forma, o emprego ocasional de pergolados previa a existência de vegetação para amenização das condições ambientais. O uso extensivo do concreto armado, que não exigia trabalhadores qualificados e permitia obras estáveis e de fácil manutenção, compensava a precariedade das tecnologias locais de construção, além de ser mais barato. O despojamento e a ausência de ornamentos próprios da arquitetura modernista do *International Style* não foram apenas resultados das limitações econômicas ou afiliações estéticas. Simbolizavam, de modo exemplar, “o sonho sionista, de construir um mundo novo e melhor para uma nova sociedade igualitária, que se materializou na primeira cidade hebraica de maneira espontânea, não ditada por nenhuma autoridade”<sup>16</sup> (MUNICIPALITY OF TEL AVIV-YAFO, 2002, p. 252). E, finalmente, a cor branca que dando identidade à área, colaborava no conforto climático, refletindo a luz do sol e diminuindo significativamente a absorção do calor. Uma arquitetura moderna, funcionalista e internacional que não se pretendeu hegemônica e teve capacidade de se adaptar a aspectos locais específicos. (FIG. 15 e 16).

## Kibutzim

17. Movimento político que defende o direito à autodeterminação do povo judeu em um Estado judeu. Ganhou força no fim do século 19, impulsionado pelo avanço do antissemitismo e desenvolveu-se simultaneamente a outros movimentos nacionalistas, como o de unificação de países como a Itália e a Alemanha. [...] Sua organização política ganhou impulso em 1897, com a realização do primeiro Congresso Sionista Mundial na Basileia, Suíça, inspirado nas ideias do jornalista Theodor Herzl. O sionismo não é unificado em sua doutrina. Desde seu surgimento, foi influenciado por vários pensadores como Aaron David Gordon e Dov Beer Borochoy, pais do sionismo socialista, Rav Kook, inspirador do sionismo religioso, Achad Haam, do sionismo cultural e Zeev Jabotinsky, que protagonizou o primeiro racha, ao criar a união dos sionistas revisionistas. (<http://www.conib.org.br/glossario/sionismo/>)

A presença da arquitetura moderna, de base funcionalista ou como preferem dizer, de influência bauhausiana, não foi exclusividade de Tel Aviv, podendo ser encontrada em outras cidades, como Jerusalém e Haifa, embora em menor quantidade. Essa presença não se deveu apenas a uma importação de estilo, mas à aplicação dos princípios da arquitetura social a uma região que demandava por soluções acessíveis e rápidas.

Esse caráter social da arquitetura moderna, empregada na Palestina, fica evidente quando sua presença é identificada em iniciativas como os *kibutzim* (FIG. 17). O *kibutz* é um arranjo comunitário israelense, de caráter coletivo e voluntário, que ajudou a definir as fronteiras do Estado de Israel. O fluxo migratório de judeus para a Palestina, desde o final do século XIX, trouxe muitos grupos na expectativa de escapar das ondas antissemitas que percorriam a Europa. Alguns desses grupos, movidos por um ideário socialista e estimulados pelo Movimento Sionista<sup>17</sup>, compraram terras e se instalaram em assentamentos agrícolas, nos quais a vida e o trabalho eram comunitários. Esses assentamentos autônomos cresceram consideravelmente durante o Mandato Britânico (1920-1948) e, embora nunca tenham representado um grande percentual da população em Israel<sup>18</sup>, tiveram importante papel na consolidação de suas fronteiras.

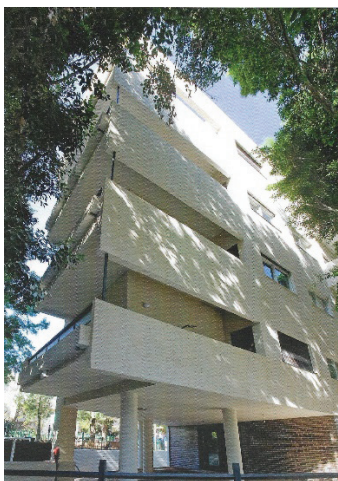
18. Mesmo nos anos 30, no auge dos kibutzim, apenas 10% dos imigrantes judeus viviam nesse tipo de lar (KASISKE, 2012).



Figura 17: International Style no Kibutz. Refeitório no kibutz Heftziba, projetado nos anos 1930 por Richard Kauffmann, usando conceitos clássicos de simplicidade e harmonia entre forma e função. Fonte: <https://www.nytimes.com/2012/03/16/arts/16iht-rartbauhaus16.html>



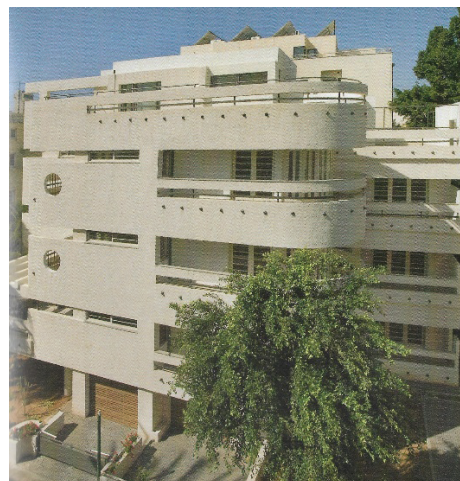
Figura 15: Edifícios residenciais da Cidade Branca



a) Edifício à Rua Ruppín, n. 7. Arquitetos Moshe Mülhbauser e Aharon Mittelman, 1937. Restauração Orna Shatil-ODO Architects, 2008. Fonte: GROSS, 2005, p.263



b) Casa Yoel Muller, Rua Nafha n. 5. Arquiteto Baruch Frieman, 1934. Restauração Nitza Szmuk Architects, 2014. Fonte: GROSS, 2005, p.197



c) Casa Rubinsky, Rua Shenkin n. 65. Arquiteto Abraham Markusfeld, 1935. Restauração Amnon Bar Or Architects Ltd., 2008. Fonte: GROSS, 2005, p.276

Figura 16: Detalhes de elementos arquitetônicos como balcões, pilotis e pérgula



a) Casa Bruno, Rua Strauss n. 3. Arquiteto Ze'ev Haller, 1933. Restauração: Bar Orion Architects, 2004. Fonte: GROSS, 2005, p.272



b) Cinema Esther, Hotel Cinema, Yehuda Magidovitch, 1938. Fonte: <https://www.archdaily.com/175525/architecture-city-guide-tel-aviv-2>



c) Casa Zlotopolsky, Rua Gordon Street n.9. Arquiteto Dov Karmi, 1935. Restauração: Amnon Bar Or Architects Ltd., 2002. Fonte: GROSS, 2005, p.31.

No projeto das edificações dos kibutzim atuaram arquitetos judeus vindos, principalmente, da Europa, alguns dos quais como Arie Sharon, com passagem pela Escola Bauhaus, que viram sintonia entre as ideias arquitetônicas aprendidas com Gropius e seus colaboradores, com as demandas e expectativas dessas comunidades. Outros, como Richard Kauffmann, embora não tenham passado pela Bauhaus, eram adeptos das linguagens modernas e também acreditavam no poder transformador da arquitetura para a sociedade (ZACH, 2012).

Para os colonos judeus que emigraram da Europa para a Palestina nos anos 20 e 30, o kibutz apresentava um novo modo de vida, uma comunidade e um refúgio seguro. Representava uma utopia - livre de perseguição, pogroms, deportações e estruturas patriarcais. Essa nova forma de vida comunitária - uma aplicação radical e voluntária dos princípios socialistas - também exigiu novas formas de moradia.



Seus edifícios foram fortemente influenciados pelas ideias do movimento alemão Bauhaus, que também defendia um espírito anti-burguês (KASISKE, 2012, p. 1).

## Conclusão

É possível afirmar que a arquitetura moderna participou ativamente da construção do Estado de Israel, seja nos postos avançados representados pelos *kibutzim*, seja nas suas cidades, particularmente Tel Aviv, um aglomerado urbano jovem, para o qual convergiam as expectativas de simbolizar, de modo eficiente, o movimento sionista e a construção de uma nova sociedade de base socialista.

Essa arquitetura moderna resultou de diferentes influências como da Escola Bauhaus, do arquiteto suíço-francês Le Corbusier e do arquiteto judeu, de origem alemã, Erich Mendelsohn mas, acima de tudo, refletia a mobilização europeia, de toda uma geração de arquitetos, em busca de soluções que minimizassem as crises então ocorrentes.

Ainda que o termo correto a ser empregado para essa arquitetura seja *International Style*, as referências à Bauhaus prevalecem, tendo em vista o caráter emblemático adquirido pela escola alemã e que ultrapassou o período relativamente curto de sua existência.

Entre 1930 e 1950, os arquitetos que atuaram na Palestina, de um modo geral e em Tel Aviv, em particular, levaram adiante o espírito experimental que caracterizou a Escola Bauhaus e que ajudou a construir sua reputação de inovação pedagógica e estética.

Como salientam Fiedler (1995) e Anderson (2019), conhecer a história e analisar a gênese da Cidade Branca de Tel Aviv não significa, portanto, fazer ecoar as loas à Escola Bauhaus no centenário de sua criação e sim, reconhecer seu papel na transposição dos princípios arquitetônicos modernos, de modo eficiente, para os áridos territórios de Israel. De certa forma, é também reconhecer que o espírito da Bauhaus vive, não apenas no estilo, mas na ideia de projetar um futuro; não apenas útil e bonito, mas melhor para todos.

## Referências

ANDERSON, Darran. How the Bauhaus kept the nazis at bay, until it couldn't. **CityLab Daily**, Washington, 11 mar. 2019. Disponível em: <https://www.citylab.com/design/2019/03/walter-gropius-bauhaus-art-school-nazi-germany-anniversary/583999/> Acesso em 29 set. 2019.

ASHKENAZY, Daniella. Tel Aviv - Bauhaus Capital of the World. **Israel Magazine-on-web**. Jerusalem, abr. 1998. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20040630053158/http://www.mfa.gov.il/MFA/Israel+beyond+the+conflict/Tel+Aviv+-+Bauhaus+Capital+of+the+World.htm>. Acesso em: 9 set. 2019.

BACH, Aya. The 'Jeckes' who helped build Israel. **Deutsche Welle**, Bonn, 29 nov. 2012. Disponível em <https://www.dw.com/en/the-jeckes-who-helped-build-israel/a-16391519>. Acesso em 25 set. 2019.

BARATA, Ana Margarida. Arquitetura e Design: Contributos de William Morris e Walter Gropius. **Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos**

Anglo Americanos /AnAnglo-American Studies Journal. N. 1, 2008, p. 40-58. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/VP/article/view/5376>. Acesso em 29 set. 2019

FIEDLER, Janine. **Social Utopias of the Twenties: Bauhaus, Kibbutz and the Dream of the New Man**. Wuppertal, Germany: Muller and Busmann, 1995. 191 p.

GEVA, Anat. Rediscovering sustainable design through preservation: Bauhaus apartments in Tel Aviv. **APT Bulletin: The Journal of Preservation Technology**, v. 39, n. 1, 2008, p.43-49. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25433937>. Acesso em 03 set. 2019.

GROSS, Micha (Ed.) **Preservation and renewal: Bauhaus and International Style Buildings in Tel Aviv**. Tel Aviv: Bauhaus Center, 2015, 308 p.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTAL AND SITES — ICOMOS. Tel Aviv (israel) Nº 1096. In: \_\_\_\_\_ **Evaluation of cultural properties**. Paris: UNESCO, 2003, p. 56-71.

KASISKE, Andrea. Bauhaus came to life in Tel Aviv. **Deutsche Welle**, Bonn, 18 jan. 2012. Disponível em: <https://www.dw.com/en/bauhaus-came-to-life-in-tel-aviv/a-15673120>. Acesso em 15 set. 2019.

LEVITT, Avraham. Israeli Art On Its Way to Somewhere Else. **Azure**, v. 3, winter1998 Jerusalem, p. 1-19, Disponível em: <http://azure.org.il/include/print.php?id=396> Acesso em 11 set 2019.

MEIR, Noah. Germany Donates \$2.8 Million For Tel Aviv's White City Restorations. **Jewish Business News**, [S.l.], 19 mai. 2015. Disponível em <https://jewishbusinessnews.com/2015/05/19/germany-donates-2-8-million-for-tel-avivs-white-city-restorations/> Acesso em: 11 set. 2019.

MERIN, Gili. Architecture City Guide: Tel Aviv. **Archdaily.com** 19/09/2013. Disponível em <https://www.archdaily.com/175525/architecture-city-guide-tel-aviv-2>. Acesso em 05 out. 2019.

MUNICIPALITY OF TEL AVIV-YAFO. **Nomination of the White City of Tel Aviv for the World Heritage List**. Tel Aviv: Municipality of Tel Aviv-Yafo, 2002, 262 p.

SHAVIT, Yaacov. Telling the Story of a Hebrew City. In: AZARYAHU M. e TROEN S. (Eds.). **Tel-Aviv, the first century: visions, designs, actualities**. Indiana (USA): Indiana University Press, 2012, p. 3-12. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctt16gzj6q.5>. Acesso em 05 out. 2019.

TIETZ, Jürgen. **História da arquitetura contemporânea**. Königswinter (Alemanha): Tandem, 2008. 128 p.

UNESCO - WORLD HERITAGE COMMITTEE. White City of Tel-Aviv — the Modern Movement **Periodic Reporting Cycle 2, Section II**, Paris: UNESCO, 2014, 10 p. Disponível em: <http://whc.unesco.org/document/164228>. Acesso em: 11 set. 2019.

UNESCO — WORLD HERITAGE COMMITTEE. White City of Tel-Aviv — the Modern Movement (Israel) In: **Decisions adopted by the 27th session WHC-03/27.COM/24**, Paris: UNESCO, 2003, p. 111. Disponível em <<http://whc.unesco.org/en/decisions/718>>. Acesso em 05 set. 2019.

WARHAFTIG, Myra. **They Laid the Foundation**: Lives and Works of German-Speaking Jewish Architects in Palestine 1918-1948. 2<sup>nd</sup> ed. Tübingen: Ernst Wasmuth, 2007, 416 p.

ZACH, Elizabeth. The influence of Bauhaus on Architecture in early Palestine and Israel. **New York Times**, 15 mar. 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/03/16/arts/16iht-rartbauhaus16.html>. Acesso em 29 set. 2019.

ZANDBERG, Esther. The builders Berlin turned its back on. **Haaretz**, Tel Aviv, 05 sep. 2002. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/culture/1.5139055>. Acesso em 15 set. 2019.

ZISLING, Yael. Bauhaus in Tel Aviv. **Gems in Israel**, Gilboa (Israel), abr. 2001. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20090408072544/http://www.gemsinisrael.com/e\\_article000020552.htm](https://web.archive.org/web/20090408072544/http://www.gemsinisrael.com/e_article000020552.htm). Acesso em: 10 set. 2019.